

E AGORA?

E agora, Nelson? ▶ Na flor dos 84 anos, Nelson Pereira dos Santos fala como um garoto de seus novos projetos no cinema e comenta a boa aceitação de seu díptico sobre Tom Jobim. Ele diz ainda o que espera dos eventos comemorativos dos seus 85 anos em 2013, como uma turnê por quatro cidades americanas, uma mostra de filmes na Caixa Cultural RJ e o evento Ocupação Nelson Pereira dos Santos no Itaú Cultural, em São Paulo.

O sucesso do Tom

“Humberto Mauro dizia que cinema é cachoeira, mas eu digo que é lavoura. São três anos trabalhando o filme, tentando captar um dinheirinho aqui, outro ali. Depois vem a colheita, que nem sempre é boa. No caso dos filmes do Tom, foi excelente. E não só no Brasil. *A música segundo Tom Jobim* foi muito bem nos EUA e na Europa. E isso tem a ver com a relação direta e livre que o espectador estabelece com o filme através da memória e da sensibilidade. Não sou eu que digo isso, mas é o que tenho ouvido. Ninguém está lá para comentar nem explicar nada. Um crítico americano escreveu: ‘Que bom que não tem *talking heads*’. Você pode dizer que tem *singing heads*, vá lá.

Estou curioso para ver como se sairá a segunda parte, *A luz do Tom*, que enfoca as três mulheres mais importantes na vida dele – a irmã Helena e as mulheres Thereza e Ana. Na estrutura desse filme, cada momento culminante de memória é acompanhado por um momento culminante da música do Tom, sempre interpretada em solo por ele. As primeiras exhibições especiais foram muito boas.”

O ocaso do imperador

“Nas pesquisas de popularidade, D. Pedro II aparece à frente de Getúlio Vargas. Quando não há mais contemporâneos, a imagem das celebridades tendem a melhorar. Mas Pedro II foi mesmo um grande personagem. O livro de José Murilo de Carvalho enfoca o Segundo Reinado com muita simpatia e muita precisão jornalística. Meu filme se baseia nele e vai ter sua ação ancorada entre o dia 15 de novembro de 1889, quando foi deposto pelos republicanos, e o dia 17, quando partiu para o exílio.

Com produção da Regina Filmes e apoio da Videofilmes, *D. Pedro II* (título provisório) vai ser minha volta ao filme



IVELISE FERREIRA

encenado desde *Brasília 18%* (2006). O modo de produção hoje é muito diferente do tempo em que comecei. No *Vidas secas* (1963) tínhamos 15 ‘pessoas’ na equipe, contando a cachorra e o papagaio. *Memórias do cárcere* (1984) tinha uma equipe menor que a de *Brasília 18%*. E antes tudo funcionava como uma trupe de circo, todo mundo filmando sempre junto. Agora é tudo regido por contratos profissionais, com menos relações pessoais. Outro dia me vi num *making of* do *Tom* e reparei que estou andando como um velhinho. Mas ainda me ajusto bem. O pior mesmo é a burocracia.”

O múltiplo Roquette-Pinto

“A Academia Brasileira de Letras me propôs fazer um documentário de média metragem sobre o centenário de Edgar Roquette-Pinto, mas a Ancine me pediu autorização formal do personagem. Acho que vou ter que fazer uma sessão espírita para conseguir (risos). Será um perfil biográfico e abordará todas as áreas da cultura em que ele atuou: antropologia, linguística, rádio, cinema. Ele criou o Instituto Nacional de Cinema Educativo. Estou trabalhando com quatro pesquisadores. O filme não será apenas o resultado da pesquisa, mas um acompanhamento passo a passo. Vai ser uma forma de mostrar também os acervos e as instituições que os acolhem, como a própria ABL.”

Homenagens aos 85 anos

“Não quero que vejam minha obra com sisudez, mas sim com humor e vivacidade. Acho que a exposição do Itaú Cultural, minha volta à São Paulo natal, deve transmitir a maneira como faço meus filmes, as repercussões de cada um no contexto da época. Mas que não seja nada sério demais. O Itaú quer editar uma coleção dos meus roteiros. O do Castro Alves vai sair entre eles. Esse projeto, acalentado durante tanto tempo, vai ficar só no livro.”



Theresza, Ana e Helena em *A luz do Tom*

Os filmes-faróis de Nelson Pereira dos Santos

1. ***Drifters***, de John Grierson (1929). Não tanto um filme ou outro, mas o conjunto da obra e principalmente a figura de Grierson foram inspiradores. Tive a oportunidade de ciceroneá-lo durante uma semana no Rio, em 1958. Levava-o ao mercado da Praça XV para comprar peixe, assistimos juntos à chegada dos jogadores campeões do mundo e o apresentei a Garrincha. Lembro-me de uma sessão de documentários brasileiros em São Paulo, quando, diante de uma cena com várias fusões, ele começou a gritar: “Decidam-se!” Ele se referia à decisão entre fazer documentário ou ficção.

2. ***No tempo das diligências*** (*Stagecoach*), de John Ford (1939). O cinema americano teve grande importância na minha formação juvenil, como na de todos da minha geração. Os filmes de John Ford me atraíram pela ação, pelo ritmo e pelo conteúdo político subjacente na luta entre o Bem e o Mal. A figura do cavaleiro solitário, tantas vezes vivida por John Wayne, era portadora de ideias libertárias e se opunha aos conservadores.

3. ***O grande ditador***, de Charles Chaplin (1940). Gostei de acompanhar a passagem de Chaplin do personagem Carlitos para o autor Charles Chaplin. A postura dele em *O grande ditador* marcou época.

4. ***Yellow Caesar***, de Alberto Cavalcanti (1941). Exemplar documentário político de guerra que ensinou como ridicularizar o inimigo. Um dos tantos filmes feitos para enfrentar o bombardeio diário de Goebbels.

5. ***Cidadão Kane***, de Orson Welles (1941). Tantas vezes revi esse filme para conversar e discutir cinema. Assim como *A marca da maldade* (*Touch of evil*, 1958), outro filme revelador. Welles se distinguia claramente da rotina do cinema americano e mostrava que havia outros caminhos a seguir.

6. ***Roma cidade aberta***, de Roberto Rossellini (1945). O neorealismo italiano abriu o caminho para o cinema brasileiro e o de todos os países em desenvolvimento. Libertava-nos da obrigação de seguir a linguagem estabelecida, pois o que contava era o conteúdo. A partir dali, tudo pôde ser cinematográfico: os pobres, os negros, o povo enfim. Na esteira de Rossellini e De Sica veio Visconti, por exemplo, com o magistral *Sedução da carne* (*Senso*, 1954).

7. ***Frente a frente com os Xavante***, de Genil Vasconcelos (1947). No começo dos anos 50, o desconhecido era o índio. E índios eram os xavantes, isolacionistas que recusavam o contato com os brancos. Ao mesmo tempo, eu sentia que aquilo fazia parte da minha realidade social. Nunca me esqueci daquele filme.

8. ***Os esquecidos***, de Luís Buñuel (1950). O que seria do cinema da América Latina se não fosse Buñuel? Sempre apreciei a visão livre que ele tinha do fato social. Para Buñuel, não bastava ser livre. Era preciso também expor claramente a liberdade em relação ao pensamento político e religioso, e às convenções sociais.

9. ***Os mestres loucos***, de Jean Rouch (1955). Foi quando compreendi toda a dimensão antropológica do cinema. A influência de Rouch era marcante sob vários aspectos. Nos anos 50 e 60, sua casa era a casa dos brasileiros em Paris.

10. Um filme de Manuel Chambi cujo título não me lembro. Tratava da festa anual dos índios da cordilheira peruana, que tiravam a roupa no alto da montanha gelada. O filme me causou uma forte impressão na época. Nota: Manuel Chambi (Peru, 1924-1987) pertenceu a uma certa Escola de Cuzco e fez quase 30 curtas de caráter etnográfico-social. O filme referido talvez seja *El carnaval de Kanas* (1956) ou *Carnaval de Kanas* (1963).

Da esquerda para a direita: *Drifters*, *No tempo das diligências* e *Roma cidade aberta*

